

A cidade e as serras - Restaurando a casa portuguesa

Osmar Pereira Oliva*

Resumo

Partindo das noções de decadentismo, discutiremos, neste ensaio, as representações de duas personagens ecianas – Fradique Mendes e Jacinto – procurando demonstrar a influência do pessimismo e do desencantamento com a vida na trajetória dessas personagens, relacionando-as às imagens da pátria portuguesa.

Palavras-chave: decadentismo, pessimismo, civilização, identidade portuguesa

Résumé

À partir des notions de décadentisme, on va discuter, dans cet travail, les représentations de deux personnages ecianas – Fradique Mendes et Jacinto – en essayant de démontrer l'influence du pessimisme et du désenchantement avec la vie, dans la trajectoire de ces personnages, en établissant une relation entre ceux-ci et l'images de la patrie portugaise.

Mots-clés: décadentisme, pessimisme, civilization, identité portugaise

O século XIX viu aflorar uma certa idéia de decadência, como diz Michel Décaudin (1976:5) em *Definir la Décadence*. O espírito de modernidade que se desenvolve a partir da progressiva urbanização das cidades e sua conseqüente superpovoação e industrialização trouxe, para muitos, um certo pessimismo diante da vida e do mundo. A cidade, centro de convivência, de encontros culturais, lugar onde se satisfazem os prazeres carnavais e usufrui-se o gozo da civilização, tornou-se também imprópria para aqueles que já experimentaram de tudo, não encontrando nela novidade alguma. A monotonia das coisas desencadeia o tédio e a vida vai perdendo o sentido e a graça.

O espírito de decadência começa a germinar e influenciar a vida de alguns homens, cosmopolitas por excelência, acostumados ao fervilhar cultural, econômico e social desses grandes centros. Diante das atividades rotineiras da modernidade, surge a reflexão sobre a insatisfação com o presente, a certeza

de que tudo já foi dito, realizado, escrito. A melancolia é a certeza de quem vive a mesmice do cotidiano. Não há nada a fazer, “*La chair est triste, hélas! et j’ai lu tous les livres.*” Como diz Mallarmé.

Na Europa, Paris é o grande centro, onde se encontram escritores e gênios da arte, de uma forma geral. É lá também o lugar das delícias terrenas. Emigrando¹ de Portugal, um país provinciano, agrário e estático, tanto Fradique- personagem de *A correspondência de Fradique Mendes* (QUEIRÓS, 1946) quanto Jacinto- personagem de *A Cidade e as Serras* (QUEIRÓS, 1971) vão viver a vida parisiense. Oriundos de famílias patriarcais, tradicionais, ricas e respeitadas, essas duas personagens têm a juventude, o recurso econômico e a disposição para gozar a vida e os vícios da modernidade.

Por um lado, Jacinto é a imagem do homem rústico, que, por um tempo, abandona o campo e se instala na cidade, numa representação do emigrante bon vivant e que, cansado do excesso de civilização, encontra nas serras a sua restauração e longa vida. Do outro lado, Fradique é o flâneur, que passeia pelo mundo sem se deixar influenciar por ele, passando a ser dominado pelo pessimismo e conseqüente declínio e morte. O dandismo aproxima a caracterização de ambos, mas há diferenças singulares na construção deles, como veremos a seguir.

N’A *Correspondência de Fradique Mendes*, o narrador, ao se referir ao amigo Fradique Mendes, lança sobre ele um olhar seduzido, detalhista, descrevendo-o com admiração e certa sedução, como na seguinte passagem:

Trazia uma quinzena solta, numa fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco: o colete de linho branco fechava por botões de coral pálido: e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à altura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição concisa que já me encantara no seu verso (QUEIRÓS, 1946:25)² .

A imagem que o narrador vai construindo dessa personagem beira ao excessivo, na linguagem, revelando um olhar seduzido, como ele mesmo diz: “o que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos” (A.C.F.M., p.24).

Fradique, à época do primeiro contato com o narrador, havia completado 33 anos, o que poderia caracterizá-lo como um homem experimentado, maduro, e esplêndido, como reforça, constantemente, o narrador: “Fradique Mendes voltara de dentro, vestido com uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarim, de seda verde, bordada a flores de amendoeira- que me maravilhou e me intimidou.” (A.C.F.M.,p.29).

O visual bem cuidado, ainda que excêntrico, foge à convencional forma da

apresentação do masculino. O interesse do narrador por esse homem extraordinário surgiu exatamente porque ele leu, no jornal **Revolução de Setembro**, as Lapidárias- reunião de poemas de autoria de Fradique- que o aproximavam da lírica baudelairiana, afastando-se da tradição e buscando motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração:

(...)Mas além disso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia- o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das massas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes. (A.C.F.M.,p.6).

Percebemos que a estética literária de Fradique é bastante próxima da estética dos decadentistas. Os decadentistas, negando a tradição, buscavam temas novos para a literatura. Uma alternativa possível, como afirma SEABRA (1975:52), é “a aparição freqüente da Idade Média, nebulosa e ideal, simbólica ou decorativa, a substituir-se ao mundo contemporâneo”. Na poesia de Fradique, o narrador contempla “um solitário do século VI” (A.C.F.M., p.6), ou “as façanhas do tempo em que seguira pelas Gálias, num bando alegre, as legiões de César, depois as hordas de Alarico rolando para a Itália”. (A.C.F.M., p.7), ou “o bom cavaleiro Percival (...) à busca do São-Graal, o místico vaso cheio do sangue de cristo. (A.C.F.M., p.7).

Os decadentistas, revelando encontrarem-se em estado de um cansaço intelectual, como afirma Décaudin (1976:18), numa tentativa de negar a estética parnasiana, reivindicam uma nova estética e um novo fazer literário. A lírica de Fradique representa bem essa tentativa de realização de uma nova poíesis, uma prática de versificação que abordasse temas diferentes, ainda que buscados na Idade Média, e novas experimentações na linguagem. Como diz o narrador, o que o prendeu nas Lapidárias não foi a Ideia, mas a Forma:

uma forma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmóreo de Leconte de Lisle com um sangue mais quente nas veias de mármore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com mais norma e cadência. (A.C.F.M., p.8).

Eça, via Fradique, nos revela a influência dos poetas malditos da literatura francesa, como a nova estética que vinha se edificando das “ruínas do Romantismo como sua derradeira incarnação.” (A.C.F.M., p.9).

Citando Baudelaire, o narrador costumava provocar dois cônegos que moravam ao seu lado:

*Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,
À cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!
(...)
Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De nos amours décomposés! (A.C.F.M., p, 9).*

O maior entusiasmo do narrador, em relação a Fradique Mendes, deve-se ao fato de ele ter encontrado um representante da nova estética, na cultura portuguesa, e de tão apurado fazer literário, que pôde ser comparado a Baudelaire, o grande poeta satânico: “Este poeta era português, (...) habitava Lisboa, pertencia aos Novos, possuía decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poética como nos seus poemas!” (A.C.F.M., p, 12).

Como os poetas decadentistas, Fradique Mendes encontrou algo novo a ser mirado: “Graças te sejam dadas meu Fradique bendito, que na minha velha língua he mirado algo nuevo” (A.C.F.M., p.12), exclama o narrador.

Por outro lado, a imagem física de Fradique se opõe, de certa forma, à imagem de Jacinto. Fradique está sempre alegre, bem vestido, de bem com a vida, robusto e radiante, enquanto Jacinto vai-se esvaindo sob o peso da civilização, perdendo a juventude e o brilho, como veremos logo adiante. O narrador da Correspondência... nos confessa que achou Fradique “um varão magnífico-dominando sobretudo por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão várias e trabalhosas atividades não lhe escavara uma prega de fadiga” (A.C.F.M., p.25). Fradique é descrito como um efebo, um jovem soberbamente viril e magnífico. No entanto, entediado com a monotonia de uma existência sem grandes realizações, ele está sempre em busca de algo novo que o despertasse para a vida plena e feliz. A busca de novidade também é excessiva e excêntrica, e, às vezes, beira ao grotesco. Uma vez, o narrador o surpreende recebendo uma estranha comunicação da alfândega, sobre algum objeto importado: “tratava-se, como sempre, da Alfândega, fonte perene das suas amarguras. Agora tinha lá enalhado um caixote contendo uma múmia egípcia.” (A.C.F.M., p.25).

Nesse mesmo encontro, os dois amigos discutem a produção literária na França. Para Fradique, só havia artificialidade na poesia de Baudelaire e Victor Hugo e “em França (...) não havia poetas. A genuína expressão da clara inteligência francesa era a prosa” (A.C.F.M., p.32). Depois desse encontro, Fradique empreende uma jornada pelo mundo, passando pelo Marrocos e Egito, onde reencontra o seu amigo, o narrador:

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os muezzins cantam a terceira oração. (...) Que homem, de entre todos os homens, avistei eu no terraço, estendido numa comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por trás da nuca, o Times esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz? Fradique Mendes.” (A.C.F.M., p. 38).

Fradique é um homem extraordinário. Um dândi por excelência, que até mesmo ajuda na fundação de uma nova religião muçulmana:

À medida que ele falava do Bab, dessa missão apostólica ao velho Sheik de Tebas, de uma outra fé surgindo no mundo muçulmano com o seu cortejo de martírios e de êxtases, da possível fundação dum império Babista- o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. (A.C.F.M., p.55).

As jornadas de Fradique estendem-se pela América, pelas antilhas, pelas repúblicas do golfo do México, passando pelo Brasil, pelos Pampas, pelo Chile e pela Patagônia, mantendo um estreito laço de amizade com o narrador, através de correspondências que este “tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de idéias e de factos” (A.C.F.M., p.61). Fradique diz ter viajado por toda parte viável, ter lido todos os livros de explorações e travessias porque, como ele mesmo dizia,

me repugnava não conhecer o globo em que habito até aos seus extremos limites, e não sentir contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além. (A.C.F.M., p.87).

Errando pelo mundo em busca de aventuras e “bisbilhotices”, Fradique conhece diferentes civilizações e culturas, fixando-se, porém, entre Paris e Londres, visitando regularmente a pátria portuguesa, onde se revigorava “percorrendo uma província, lentamente, a cavalo” (A.C.F.M., p.92). Para Fradique, Lisboa só lhe interessava e lhe agradava enquanto paisagem, já que estava marcada pela imitação francesa. Na sua opinião, “Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão”, onde não se pode encontrar, sequer, pratos típicos da cozinha portuguesa, como “o prato com macarrão do século XVIII, a almôndega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dilecto de Dom João IV. (A.C.F.M., p. 95).

Fradique demonstra, assim, uma certa decadência de Portugal, que começou, segundo ele, desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Há um tom saudosista na fala de Fradique, um certo desejo de que Portugal pudesse voltar a ser como era, antes da Democracia. A perda da originalidade da cultura portuguesa, para ele, diminuía o resto do mundo. Constatando essas mudanças ocorridas em sua pátria querida, Fradique vai mergulhando, irremediavelmente, no gouffre decadentista. Em sua carta ao amigo G.F, ele confessa: “- Todos nós que vivemos neste globo formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o Nada”.(A.C.F.M., p.108). A inutilidade do estar-no-mundo e

o pessimismo diante da vida o faz concluir que “não há nada a fazer” (A.C.F.M., p. 111).

Numa discussão com Fradique, o narrador lhe apresenta a necessidade da vinda de um novo cristo para redimir a humanidade. Fradique lhe diz que o novo messias há de vir, mas logo será negado e indica que a única coisa a fazer é cada um reunir pecúlio, comprar um revólver e “aos semelhantes que lhe baterem à porta, dar, segundo as circunstâncias, ou pão ou bala”.(A.C.F.M., p.112).

O narrador descreve a morte de Fradique de uma forma breve, e, de uma certa forma, melancólica: “Fradique, como diziam os antigos, ‘tinha vivido’. Não acaba mais docemente um belo dia de verão.” (A.C.F.M., p.113). Fradique representava, para o narrador, o homem europeu por excelência, dotado de Beleza e Inteligência supremas, “o português mais interessante e mais sugestivo do século XIX.” (A.C.F.M., p. 65).

Michel Décaudin (1976:19), comentando Hartmann, diz que a resolução do mal tenderá para a autodestruição. Acreditamos que Fradique, não encontrando uma saída para a insatisfação do mundo presente, buscará sua extinção voluntária, ao sair da festa da condessa de La Ferté, sem o seu agasalho, sabendo do perigo da noite fria, favorecendo o surgimento do mal que o aniquilará. Já acometido de tal enfermidade, ainda se expõe ao relento uma vez mais, intensificando a gravidade da doença, que culminará em sua morte.

Também nesse aspecto, a personagem Fradique Mendes se diferencia da personagem Jacinto, que transita da morte para a vida, metaforizando um reencontro, uma restauração de uma família e de uma nação em decadência, representando o florescimento de um novo jardim, revigorado, robusto e rejuvenescido, como se fosse a imagem de Portugal restaurada. Jacinto percorre uma trajetória inversa à trajetória de Fradique. Emigrado de Portugal para Paris, onde vive num ambiente supercivilizado, o apartamento 202, como diz o narrador, essa personagem sofre do “mal da fartura”.

O narrador de A Cidade e as Serras, Zé Fernandes, nos diz que “desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a ‘sorte ruim’, Jacinto medrou com a segurança, a rjeza, a seiva de um pinheiro das dunas.” (A.C.S., p.50). Logo no início da narrativa, Jacinto é comparado com uma planta. É significativo notar que o Jacinto é uma erva universalmente afamada pela beleza das flores, e pelo seu perfume, sendo encontrada em regiões serranas, como nos informa o Dicionário Aurélio (1986: 979).

Apesar de o nome estar intimamente ligado ao vegetal e à serra, Jacinto prefere, inicialmente, a cidade. Para ele, “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado” (A.C.S., p. 51), idéia que não se separava da imagem

da cidade grande, funcionando como um organismo poderoso, repleto de engrenagens, cada uma exercendo uma função particular e essencial. Zé Fernandes descreve Jacinto da mesma forma que o narrador d'A Correspondência... descreve Fradique:

Este delicioso Jacinto fizera então vinte e três anos, e era um soberbo moço em quem reaparecera a força dos velhos jacintos rurais. Só pelo nariz, afilado, com narinas quase transparentes, de uma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia às delicadezas do século XIX. O cabelo ainda se conservava, ao modo das eras rudes, crespo e quase lanígero: e o bigode, como o de um celta, caía em fios sedosos, que ele necessitava aparar e frisar. (A.C.S., p.56).

Sete anos depois desse encontro, Zé Fernandes retorna de Portugal a Paris, para reencontrar o seu admirável amigo, e se depara com o excesso de civilização instalado no 202, e vê a antiga imagem apolínea e viril de Jacinto substituída por uma imagem fisicamente decadente:

Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afilara mais entre duas rugas muito fundas, como as de um comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava. (A.C.S., p. 59).

Novamente o adjetivo “murcho” remete-nos ao universo do vegetal, e passamos a acompanhar um jacinto em estágio de degenerescência. A modernidade invade o 202. Zé Fernandes verifica a infinidade de aparelhos e botões instalados na casa de Jacinto, sem compreender bem a utilidade do acúmulo de tanta civilização:

E enquanto o meu amigo, curvado sobre a placa murmurava impaciente “está lá? Está lá?”, examinei curiosamente, sobre a sua imensa mesa de trabalho, uma estranha e miúda legião de instrumentozinhos de níquel, de aço, de cobre, de ferro, com grumes, com argolas, com tenazes, com ganchos, com dentes, expressivos todos, de utilidades misteriosas. (A.C.S., p. 60).

Além de tantos instrumentos da civilização, o 202 é também atulhado de livros, num acervo de 30 mil volumes. Jacinto participa da vida social parisiense, mas é perceptível o seu desvanecimento. Tendo experimentado de tudo, assim como Fradique, Jacinto é acometido do tédio e do pessimismo. Mesmo circundado de amigos, após uma ceia em sua casa, ele tece o seguinte comentário sobre a inutilidade das coisas e do mundo:

(...) a única emoção, verdadeiramente fina, seria aniquilar a civilização. Nem a ciência, nem as artes, nem o dinheiro, nem o amor, podiam já dar um gosto intenso e real às nossas almas saciadas. Todo o prazer que se extraía de criar estava esgotado. Só restava, agora, o divino prazer de destruir. (A.C.S., p. 91).

É o tédio que surge a partir do momento em que a personagem sente que já experimentou todas as coisas e nada há mais a ser criado. Tudo já foi dito. Tudo já foi feito. Por isso “a carne é triste”, e a vida, “uma maçada”. Enfastiado de tanta civilização, Jacinto é tomado de melancolia, perdendo o viço. Um dia, porém, recebe uma carta, vinda da sua quinta em Tormes, Portugal, enviada pelo seu procurador, o Silvério, notificando-o do desabamento da velha igreja nas serras, onde jaziam os restos mortais dos seus avós Jacintos e do seu adorável avô Galeão. Esse incidente, envolvendo a memória dos seus familiares queridos e as raízes da sua tradição, desperta em Jacinto o desejo de retornar a Portugal, às serras de onde fora transplantado, para reencontrar-se com a sua verdadeira identidade portuguesa.

Ao decidir regressar a Tormes, Jacinto se encarrega de levar consigo boa parte da civilização. O seu desejo é ter, nas serras, o conforto da cidade:

Começou então no 202 o colossal encaixotamento de todos os confortos necessários ao meu príncipe para um mês de serra áspera- camas de pena, banheiras de níquel, lâmpadas Carcel, divãs profundos, cortinas para vedar as gretas rudes, tapetes para amaciar os soalhos brancos. (A. C.S., p.133).

Porém, mais uma vez, um incidente providencial faz com que todas as bagagens sejam desviadas para Alba-de-Tormes, na Espanha, devido à confusão de nomes de lugares que se deu na transportadora contratada por Jacinto, deixando-o “aliviado” do peso da supercivilização. Assim, Jacinto e o amigo Zé Fernandes chegam às serras, onde fica sua quinta, sua terra, sua tradição, suas raízes, apenas com a roupa do corpo e, ironicamente, com um jornal, metonímia da civilização e que, nas serras, não tem utilidade alguma:

Ali ficávamos pois baldeados, perdidos na serra, sem Grilo, sem procurador, sem caseiro, sem cavalos, sem malas! Eu conservava o paletó alvadío, donde surgia o Jornal do Comércio. Jacinto, uma bengala. Eram todos os nossos bens. (A.C.S., p.146).

Destituídos de todas as bagagens que levavam para Tormes, os dois amigos começam a subir a serra, e o narrador geral vai tecendo considerações sobre a primazia do campo em relação à cidade. Aqui, Portugal passa a ser alegorizado pela excelência do ar campesino e pela exuberância da natureza serrana, como um lugar ímpar: “com que brilho e inspiração copiosa a compusera o Divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado!” (A.C.S., p. 147). A descrição suntuosa da serra se sobrepõe a qualquer descrição do ambiente citadino e civilizacional. As imagens da natureza exuberante, rica e fresca, encham a vista e a alma dos dois viajantes. Logo, a indignação de Jacinto com o sumiço das malas é substituída pelo gozo do estar na serra, pela alegria de reencontrar Portugal, a sua pátria querida:

*O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força.
Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...*

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava:

-Que beleza! (A.C.S., p. 148).

A chegada à quinta torna Jacinto, novamente, o senhor de Tormes, o oligarca rural que, tendo perdido, acidentalmente, o contato com todo e qualquer tipo de civilização, desvela o homem rústico, vegetal da serra. Se por um tempo houve o transplante de Jacinto para Paris, no usufruto das descobertas tecnológicas e científicas e em comunhão com os prazeres da cidade, mesmo das leituras dos filósofos da época, a narrativa muda consideravelmente a dicção. A natureza participa ativamente da ação, com suas manifestações divinas: ora a chuva, ora o vento nos ramos em flor, diluindo pela serra o perfume incomparável.

Outro aspecto interessante a ser observado no momento do reencontro de Jacinto com as serras é a apreciação da comida tipicamente portuguesa. Lembremo-nos da indignação de Fradique Mendes quanto à influência da culinária francesa em Lisboa, onde não é possível, segundo ele, saborear um prato genuinamente português. Em Tormes, o caseiro Melchior se encarrega de preparar “o jantarinho de Suas Incelências” (A.C.S., p. 154). Descreve o narrador:

Os copos, de um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que neles passara em fartos anos de vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas, contentaria Diógenes. Espetado na côdea de um imenso pão reluzia um imenso facalhão. (A.C.S., p. 155)

O sabor do “jantarinho” preparado pelo criado Melchior faz o senhor de Tormes se esquecer da civilização de que tanto dependia:

— Deste arroz com fava nem em Paris Melchior amigo!

O homem ótimo sorria, inteiramente desanuviado:

— Pois é cá a comidinha dos moços da quinta! E cada pratada, que até Suas Incelências se riam...Mas agora, aqui, o Sr. D. Jacinto, também vai engordar e enrijar! (A.C.S., p. 155).

Jacinto simboliza, de certa forma, a identidade portuguesa. Jacinto representa a Nação Portuguesa, o atraso em meio ao desenfreado desenvolvimento civilizacional europeu. A quinta de Tormes e a tradicional família dos Jacintos é a imagem desse país à espera de uma restauração. Não é por acaso que Jacinto será confundido com D. Sebastião, como veremos adiante.

Na cidade, Jacinto corcovara, se esvaecera, murchara. Na serra, a natureza se encarrega de restaurá-lo. Zé Fernandes, depois de passar alguns dias longe do seu amigo, ao encontrá-lo, compara-o

a uma planta estiolada, emurchecida na escuridão, entre tapetes e sedas, que, levada para o vento e sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a natureza! Jacinto já não corcovava, sobre a arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhava um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente. (A.C.S., p. 164).

Jacinto e a planta são equivalentes. Restaura-se um jardim. Restaura-se Portugal, retornando-se às origens, buscando raízes de uma nação tipicamente agrária, rural, mesmo estando inserida numa Europa supercivilizada. O orgulho de ser português é ser diferente. O amigo Zé Fernandes constata, maravilhado, o arraigamento de Jacinto às serras:

Jacinto lançara raízes, e rijas, e amorosas raízes na sua rude serra. Era realmente como se o tivessem plantado de estaca naquele antiqüíssimo chão, donde brotara a sua raça, e o antiqüíssimo húmus reflúisse e o penetrasse todo, e o andasse transformando num Jacinto rural, quase vegetal, tão do chão, e preso ao chão, como as árvores que ele tanto amava. (A.C.S., p. 182)

Revigoradas as forças, encontrada a paz no ambiente campesino, Jacinto cuida de reparar também o seu jardim, a Casa Portuguesa, esquecida nas serras, em ruínas. O casarão recebe os tratos necessários para abrigar o extraordinário português. Repara-se o piso, as janelas, o telhado:

Na varanda, sobre uma pilha de ripas, reluzia num raio de sol uma banheira de zinco. Dentro encontrei todos os soalhos remendados, esfregados a carqueja. As paredes, muito caiadas e nuas, refrigeravam como as de um convento. (A.C.S., p. 162).

Também é construída uma nova igreja para abrigar os restos mortais dos seus antepassados. E a harmonia cobre toda a serra:

— *Que lindos vamos! Ora vê tu a Natureza...Num simples enterrar de ossos, quanta graça e beleza!*

Na capelinha nova, dominando o vale da Carriça, solitária e muito nua, no meio de um adro, ainda mal alisado, sem uma verdura de relva, uma frescura de arbusto, dois moços seguravam à porta molhos de tochas, que o Silvério distribuiu, a passos graves, com cortesias, soleníssimo. (A.C.S., p. 175).

A bondade do senhor de Tormes estende-se aos seus serviçais. Jacinto visita a sua propriedade e verifica que ali existem pessoas vivendo em condições de vida subumanas, o que o deixa indignado. Então, dá ordens ao encarregado da quinta, o Silvério, para que gaste o que for necessário para garantir o mínimo de conforto a essas famílias que se agregam às suas terras. Por tais atos, logo Jacinto é comparado ao messiânico D. Sebastião, que haveria de restaurar Portugal. Diz-nos o narrador: “por toda a serra afirmava que aquele bom senhor era El-Rei D. Sebastião, que voltara!” (A.C.S., p. 202). Mais adiante, Zé Fernandes, encontrando-se com o tio João, interroga-lhe a esse respeito:

- Mas, ó tio João, ouça cá! Sempre é certo você dizer por aí, pelos sítios, que El-Rei D. Sebastião voltara?

(...)

- Talvez voltasse, talvez não voltasse... Não se sabe quem vai, nem quem vem. A gente vê os corpos, mas não vê as almas que estão dentro. Há corpos de agora com almas de outrora. Corpo é vestido, alma é pessoa. (A.C.S., p., 218).

O sábio tio João responde a Zé Fernandes a possibilidade de uma reencarnação. Portanto, literariamente, é possível pensar na imagem de Jacinto como a metáfora da restauração de Portugal. Na serra, Jacinto reverdece, se casa, brota, floresce e frutifica, cumprindo a lei da natureza. Na serra, Jacinto restaura a Casa Portuguesa:

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco anos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu príncipe já não é o último Jacinto, Jacinto ponto final- porque naquele solar que decaíra, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Teresinha, minha afilhada, e um Jacintinho, senhor muito da minha amizade. (A.C.S., p. 221).

Como diz Zé Fernandes, “Aquele ressequido galho de cidade, plantado na serra, pegara, chupara o húmus do torrão herdado, criara seiva, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno”. (A.C.S., p. 223).

Para concluir, reafirmamos a diferença das imagens da decadência apresentadas neste ensaio, ao comparar as duas personagens Fradique Mendes e Jacinto como alegorias do dândi, que realizam movimentos inversos nas duas narrativas queirosianas. De um lado, o pessimismo que conduz à morte, e do outro, o reencontro com a Pátria Portuguesa e a restauração de um jardim!

Notas

¹ Cumpre ressaltar que Fradique nasceu em Paris, filho de emigrantes portugueses. Apesar disso, mantém no 202 a herança cultural do avô Galeão, como livros e alguns móveis e objetos importados de Portugal. Fradique também é considerado pelos franceses um genuíno português, principalmente no uso da língua do seu país de origem, sem que fosse possível constatar qualquer sotaque que denunciasses o estrangeirismo em sua fala.

² A partir dessa citação, sempre que nos referirmos à obra A Correspondência de Fradique Mendes, usaremos apenas as iniciais A.C.F.M e o referido número de página. Quando nos referirmos à obra A Cidade e as Serras, usaremos as iniciais A. C. S e o mesmo procedimento para indicação de número de página..

Referências Bibliográficas

BALAKIAN, Ana. O Simbolismo. São Paulo: Perspectiva, 1967.

DECAUDIN, Michel. Définir la décadence. Colloque de Nantes. (21-24 avril, 1976). Paris: Minard, 1980. p.5-12.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

QUEIRÓS, Eça de. A Correspondência de Fradique Mendes. Lisboa: Lello & Irmãos, 1946.

QUEIRÓS, Eça de. A Cidade e as Serras. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1971.

* Mestre em Literatura Brasileira, doutorando em Literatura Comparada, pela UFMG; professor de Literatura Brasileira, na UNIMONTES. Bolsista FAPEMIG. E-mail: opoliva@connect.com.br